

ENTRE FRANKENSTEIN E FRANKIE STEIN: ÀS VOLTAS COM O MITO EGOCÊNTRICO E A TRANSGRESSÃO¹

Profa. Dra. Lilian Cristina CORRÊA
Universidade Presbiteriana Mackenzie
liliancorrea@uol.com.br

Resumo: O interesse pela origem da vida, criações demiúrgicas, ou a mera curiosidade relacionada a tamanha e poderosa fonte criativa apresentam-se como relatos ou fatos constantes na história da humanidade, ora de maneira mais concreta, ora através de experiências e tentativas, por vezes transgressoras, de criação. Tal sede pela sabedoria, pelo (re)conhecimento do próprio “eu”, pode ser entendida com base nas descobertas científicas que marcam a trajetória do comportamento humano e também dos escritos literários, retratos de diferentes épocas e influências. Neste contexto, propomos apresentar um estudo comparativo entre a literatura dita canônica e uma vertente literária mais atual, de massa, com um público totalmente distinto daquele idealmente vislumbrado pela obra hipotexto, *Frankenstein*, de Mary Shelley(1818).Ao apresentar *Monster High* (2010), Lisi Harrison, traz a releitura do monstro de Shelley na pele de Frankie Stein, personagem *teen*, igualmente recriada a partir de outras vidas, com um universo próprio, ao mesmo tempo próximo das concepções da criatura de Viktor Frankenstein e distante do imaginário mágico e sombrio de Mary Shelley, mas igualmente transgressor, em todos os sentidos,demonstrando que o apelo pela perfeição é, de fato, cíclico e parte constituinte do comportamento humano quer seja na antiguidade quer seja na contemporaneidade.

Palavras-chave: mito; criação; diálogo; transgressão.

1. Introdução

A curiosidade envolta nos mistérios relacionados à origem da vida sempre constituiu os pilares para que novas teorias e pesquisas surgissem tentando explicar a “mágica” da criação ou buscando aprimorar as noções científicas que explicassem a composição de cada uma das mais elementares partículas que compõem a figura humana. Vários são os relatos apresentados ao longo da história da humanidade, ora de maneira mais concreta, ora através de experiências e tentativas, por vezes transgressoras, de criação. Tal sede pela sabedoria, pelo (re)conhecimento do próprio “eu”, pode ser entendida com base nas descobertas científicas que marcam a trajetória do comportamento humano e também dos escritos literários, retratos de diferentes épocas e influências.

¹Alguns trechos deste texto fazem parte do artigo intitulado *Entre Frankenstein e Frankie Stein: às voltas com o mito egocêntrico e a sociedade de consumo*, apresentado no III Comunicon (Terceiro Congresso Internacional de Comunicação e Consumo), na ESPM – SP.

Como alicerce para discutir tais propostas, apresentamos duas personagens literárias de gêneros distintos, consideradas o duplo uma da outra, porém em épocas e propostas diferentes; no entanto, apresentam-se complementares: o monstro de *Frankenstein* (1818), uma das personagens protagonistas do romance da inglesa Mary Shelley, considerado uma das criaturas mais temidas (e apaixonantes) da literatura romântica, e Frankie Stein, uma das protagonistas adolescentes da obra *teen Monster High* (2010), de Lisi Harrison.

A proposta deste estudo encontra-se sobre dois eixos temáticos: a literatura e as questões relacionadas ao mito e de que maneira é possível fazer uma relação entre as duas, se considerarmos o egocentrismo e as os aspectos transgressores da conduta humana no intuito de preservar a imagem do "eu".

É notável a presença de vozes apelativas em diversas formas de discursos relacionados à concepção do "eu" interior e do "eu" imagem, do corpo. Por isso, propomos abordar, com maior intensidade, a respeito da concepção deste corpo a partir das duas personagens já citadas: Frankenstein e Frankie Stein, como modelos exemplares, para compreender o sentimento de inadequação diante do mundo, considerando a questão da imagem estética voltada a um ideal de beleza ditado pela sociedade e como, de algumas formas, o fato de haver transformações em busca de um modelo e perfeição significa transgredir os padrões.

O percurso é traçado por meio do mito clássico de Prometeu, intertextualmente apresentado por *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, e por Frankie Stein, personagem *teen*, em *Monster High* (2010), de Lisi Harrison.

Neste elo intertextual, por um lado, o monstro criado por Mary Shelley, composto por partes de cadáveres, desproporcionalmente constituído, evoca a noção de que o cientista, Frankenstein, visava recriar a vida para obter fama e sucesso, sem se preocupar com o resultado final de sua experiência, sem levar em conta a forma ou as questões estéticas.

Por outro, Frankie Stein, a personagem *teen*, recriada por Lisi Harrison, retrata as imperfeições estéticas do monstro com arestas a serem preenchidas por um ideal de beleza que pode ser "atualizado" por meio de correções cirúrgicas, pelo uso de bons cosméticos e por *looks* adolescentes exatamente iguais aos das revistas de moda atuais. A personagem Frankie Stein, por meio da reatualização da figura de Frankenstein, questiona o conceito de ideal de beleza, além, é claro, do comportamento tipicamente consumista do adolescente, como se observa em:

- Vão cortar meus cartões de crédito?, especulava Frankie, apavorada. Nunca tinha visto os pais com tanta dificuldade para falar. Recordou aceleradamente as compras recentes que havia feito, esperando assim descobrir qual gasto os tinha feito sair do sério. “Temporada de *Gossip Girls* no iTunes... Perfume odorizador de ambientes, aroma flor de laranjeira... Meias listradas da *Hot Sox*, em que se calçavam os dedos um a um, tão engraçadinhas... Assinaturas de revistas – *UsWeekly*, *Seventeen* e *Vogue*... Aplicativo de Astrologia para o iPhone... Aplicativo de numerologia... Aplicativo de interpretação de sonhos... Creme desembaraçante da Moroccanoil... jeans *boyfriend* da Current/Elliott...” (HARRISON, 2010, pp. 28-29)

A mesma personagem que se comporta como uma adolescente normal é “guardada” pelos pais, que temem seu contato com o mundo real, mas que não veem outra saída senão colocá-la em uma escola para *normies*, justificando que sua vida, até ali, havia sido um preparo para este momento:

- O seu pai está querendo dizer é que você tem quinze dias de idade. Em cada um desses dias, ele lhe implantou no cérebro o equivalente a um ano de aprendizado: matemática, ciências, história, geografia, idiomas, tecnologia, arte, música instrumental, filmes, canções, tendências, expressões idiomáticas, convenções sociais, bons modos, profundidade emocional, maturidade, disciplina, livre-arbítrio, coordenação motora, coordenação fono-articulatória, reconhecimento sensorial, percepção tridimensional, ambição e até um pouco de apetite. Você tem tudo!
Frankie assentiu, maturando quando é que chegariam à parte das compras.
- Por isso, agora que é uma adolescente linda e inteligente, você já está pronta para... ir para a escola dos *normies*. (HARRISON, 2010, p. 30)

Abre-se diante de nós o desafio de se estabelecer um elo entre a figura grotesca do monstro e a figura simpática da adolescente altamente consumista a ponto de relacioná-las ao mito de Prometeu tanto em relação à recriação da vida quanto ao aprimoramento da imagem estética e quanto às transgressões que ambas personagens representam, cada qual em seu contexto.

2. Entre Frankenstein e Frankie Stein

Para se entender a figura de Frankenstein e sua criação, partimos do texto bíblico, em uma relação dialógica com o mito de Prometeu, extraído tanto da *Teogonia* e dos *Trabalhos e os dias*, do poeta Hesíodo, a fim de verificar as releituras transpostas de Mary Shelley e de Lisi Harisson como uma forma de entender os mitos e os símbolos inerentes que podem ser, de alguma forma, compreendidos como formas de transgressão – este percurso nos

imprescindível para se chegar ao cerne do que é mito egocêntrico e como as personagens das obras estudadas podem, eventualmente, transgredir as noções primordiais envolvidas no entendimento do universo mítico.

O *Gênesis*, cujo registro tem servido de referência estruturante da cosmologia judaico-cristã, expressa o fundamento da antropologia bíblica: um modelo humano feito a partir do pó da terra, impregnado, contudo, pelo espírito do Criador, que lhe instila a centelha divina: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou [...]. O Senhor Deus modelou o homem com o pó apanhado do solo. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser vivo.” (*Gênesis* 1.27; 2.7)

Segundo a concepção bíblica, no momento da criação, o homem foi modelado, do barro da terra, pelas mãos divinas, e o Criador insuflou o hálito de vida ao primeiro homem. Entretanto, em termos literários e míticos, para o poeta Hesíodo, em *Teogonia*, Prometeu é considerado o benfeitor da humanidade – aquele que rouba a faísca divina, símbolo da inteligência, para agraciar os mortais. O relato sobre o herói, que rouba o fogo divino para dar aos homens, pagando por isso o alto preço de sua punição, marca efetivamente o aparecimento do homem e o sentido da conquista e da consciência humana. Todavia Prometeu é o astuto, aquele que engana o senhor do Olimpo no banquete de Mecone; assim, ao ludibriar os deuses e dotar os homens com o dom da razão e da consciência, Prometeu pode ser considerado como aquele mito que transgredir todas as barreiras para atingir sua finalidade primordial.

Segundo a *Teogonia*, (535-536), de Hesíodo, como os deuses desconfiassem dos homens, protegidos por Prometeu, houve entre eles uma briga, sendo necessário apresentar uma oferenda a Zeus para acabar definitivamente com essa rivalidade. Prometeu, querendo beneficiar os mortais, dividiu um boi enorme em duas porções: a primeira continha as carnes e as entranhas, cobertas pelo couro do animal; a segunda, apenas os ossos, cobertos com intensa gordura. Zeus escolheu exatamente a porção, que continha ossos e gordura, destinada aos mortais. Sentindo-se ultrajado, investiu contra os homens a privação do fogo, ou seja, simbolicamente, a privação da inteligência de tal forma que os homens se imbecilizaram (HESÍODO, *Trabalhos*, 47-50). Como Prometeu roubou o clarão do fogo, Zeus o prendeu com correntes de ferro no Cáucaso, onde uma águia lhe devorava o fígado, que renascia à noite. Este castigo só chegou ao fim com o consentimento de Zeus, que, ao querer glorificar seu filho Hércules, deixou que este abatesse a terrível águia (HESÍODO, *Teogonia*, 507). O mito explica a criação do homem e sua trajetória com o conhecimento do fogo, além de deixar clara a concepção de que o conhecimento recém adquirido da humanidade atua, de algum

modo, como o resultado de uma transgressão, de um roubo, mesmo que este fruto tenha sido considerado como um presente para a humanidade.

O romance *Frankenstein* narra a história de Victor Frankenstein, estudante de Medicina, curioso a respeito do novo e das grandes descobertas de seu tempo, que constrói (com base em experimentos científicos compartilhados com um professor) uma criatura a partir de restos de cadáveres. Após dotá-la de vida, exausto e assustado com o sucesso de seu feito e com as dimensões e aparência tenebrosa da criatura, foge de volta para Genebra, para junto de sua família. O monstro, que nunca recebe um nome, vaga pela região em busca de seu criador e passa pelas diversas etapas do aprendizado humano até reencontrar o médico e exigir dele uma companheira, em suas palavras:

- Não o deixarei partir enquanto não atender ao meu pedido. Sou só e infeliz; a humanidade nada quer comigo; mas alguém tão disforme e horrível quanto eu não vai me negar sua companhia. Minha companheira deve ser da mesma espécie que eu e ter os mesmos defeitos. Esse ser você terá de criar. (...) Você deve criar uma fêmea para mim, com a qual eu possa viver e trocar os sentimentos necessários à vida. É algo que só você pode fazer, e eu exijo como um direito meu que você não pode se recusar a me conceder. (SHELLEY, 1998, pp. 162-3)

Mary Shelley remodela a figura prometeica em *Prometeu moderno*, por meio da figura do jovem cientista Victor Frankenstein, transformando-o em um novo Prometeu, que dá vida a um ser a partir da matéria morta. No mito, Prometeu roubou o fogo sagrado para dar à humanidade; no romance de Shelley, Victor Frankenstein não rouba o fogo sagrado para dar vida à sua criatura, mas ele se utiliza da centelha da eletricidade. Na transposição do mito de Prometeu, Mary Shelley transforma Victor Frankenstein no criador, em um demiurgo, em um novo Prometeu, que tenta moldar um ser humano à sua imagem e semelhança. Neste ponto, é notável verificar o elo intertextual feito com o *Gênesis* bíblico. Embora Frankenstein não tenha, do barro da terra, modelado o monstro, como o homem foi criado por Deus, segundo a Criação do *Gênesis* bíblico e segundo o mito de Prometeu, ele aproveita-se da matéria morta, fazendo uma seleção de membros que julgava mais fortes segundo a aparência, em uma tentativa de recriar a vida por meio da morte.

Quando busca por esses membros, Victor comete mais uma transgressão. A primeira delas podendo ser considerada a ideia de se igualar ao Criador; a segunda, invadir cemitérios e profanar túmulos em busca dos "melhores" membros a serem utilizados na construção de sua criatura; a terceira, o abandono da criatura ao assustar-se com o resultado de sua criação. Após o abandono, Victor busca refúgio junto à sua família e, algum tempo depois, segue-se a

notícia do assassinato de seu irmão mais novo, William, cenário da quarta transgressão: o cientista sabe que a morte do garoto foi causada pela criatura, mas assumir este fato seria o mesmo que tornar pública a sua responsabilidade ante àquele ser abominável, então permite que a acusação contra a babá do garoto, Justine, seja entendida como correta e a moça é condenada à forca.

O volume de transgressões chega ao ápice quando, após se reencontrar com a criatura, a quem já considera e chama de monstro, Victor concorda em construir-lhe uma companheira, mas quase ao término de sua nova criação, antes de dotá-la com a chama da vida, ele a destrói por temer povoar o mundo com seres monstruosos, embora soubesse que monstruosidade maior era, evidentemente, a sua. Entretanto, ainda que houvesse essa consciência, Victor continua a agir no sentido de preservar a sua imagem de cientista, detentor de conhecimentos que o levaram ao sucesso e, posteriormente, ao sofrimento extremo e se considera vítima de sua criação. Seria esta mais uma transgressão? Talvez, ou talvez devamos entender este posicionamento como resultante do fato de que a questão do mito ultrapassa todas estas perspectivas, uma vez que, segundo Lecercle (1991), "[...] a criatura eclipsou o criador: [neste] caso, duas vezes, pois se o monstro eclipsou Victor, que o produziu, eclipsou também, completamente, o escritor que o concebeu." (p. 11)

Tanto o mito de Prometeu quanto a história do monstro de Frankenstein estão interligadas pelo mito da criação e pela centelha de vida, ou seja, expressam a força criadora do homem por meio do fogo, luz do conhecimento. Prometeu foi castigado por Zeus, tendo seu fígado devorado; o monstro foi abandonado à própria sorte. O mito pode ser transposto para a sociedade, que o modela, por meio da força de seus discursos. Neste caso, os novos Frankensteins, monstros dos corpos perfeitos, os ideais, que procuram ser adequados ao meio cultural, mas que muitas vezes são abandonados à própria sorte.

Em *Monster High*, obra contemporânea, vemos uma releitura intertextual do monstro de *Frankenstein* lido sob outra ótica. No primeiro dos atuais cinco volumes já lançados, há duas adolescentes protagonistas, Melody Carver e Frankie Stein; entretanto nós nos concentraremos no interessante contraponto em que as duas se apresentam em diálogo com a obra de Shelley, além, é claro, de nos remetermos, a partir dessas personagens, às questões relacionadas ao mito egocêntrico e às eventuais transgressões cometidas.

Melody Carver é, na obra, considerada uma *normie* (humana), filha de Beau, um cirurgião plástico, e de uma *personal shopper*, Glory. Saiu com sua família de Beverly Hills, em direção ao estado de Oregon, porque Melody sofria muito com a asma. A descrição da personagem inclui cabelos compridos pretos e opacos, olhos acinzentados, um nariz com duas

lombadas e dentes, segundo ela, todos caninos. Embora Melody não se importasse com a beleza, e sim com a interioridade do ser humano, o pai corrigiu seu nariz e os dentes em uma plástica - desta forma, Melody se tornou bela, mas escondia sua aparência por temer ser aceita somente por fazer parte de qualquer grupo que a aceitasse pela aparência e não por quem era.. Frankie Stein é filha do Dr. Frankenstein, tem quinze dias de idade e para ela tudo é novo. Seus cabelos são pretos com mechas brancas, tem um olho azul e outro verde. As partes de seu corpo são suturadas e quando uma parte se solta, ela morre de vergonha, embora consiga controlá-la à distância. Sua pele tem uma coloração verde-menta e ela tem dois parafusos ligando o pescoço ao restante do corpo - se mudá-los de lugar, a eletricidade estática faz tudo à sua volta se magnetizar.

O diálogo intertextual estabelecido entre *Frankenstein* e *Monster High*, embora pareça estar ligado meramente à composição das personagens, aponta os aspectos relacionados ao comportamento social. Victor retrata o rapaz tipicamente romântico, que busca por uma identidade e por respostas a grandes dilemas, como o enigma da criação, o “brincar de Deus” e, por sua trajetória, acaba por tornar-se um demiurgo ao criar um monstro, mas temeroso diante de sua criação, o abandona à mercê do mundo desconhecido (como aquele que consome algo de que não gosta e depois descarta o produto, visando apenas ao próprio bem-estar). Embora abandone sua criação, ele é o demiurgo, ele é um novo Prometeu. O rapaz não mede esforços em suas tentativas científicas, empregando grandes somas em dinheiro e contando com o apoio dos mais diversos instrumentos e aparatos tecnológicos disponíveis naquele momento (tal qual os atuais *geeks*, “antenados” aos grandes lançamentos tecnológicos e, ao mesmo tempo, representando a ideia da tecnologia que é facilmente descartável).

Tanto Prometeu quanto Victor podem representar a história do homem em busca da perfeição, pois ao criarem, inventarem, frustram-se diante dos resultados, são castigados, e por fim, sentem um vazio diante dos fracassos e das imperfeições. Esta ideia de incompletude é também notada a partir das personagens Melody e Frankie: a primeira, por não se "encontrar" na sociedade, dilema mais do que tipicamente adolescente, uma vez que ela busca por reconhecimento; a segunda, por descobrir que a sua condição de IRADA, ou seja "[...] indivíduo refratário a atributos e designativos ordinários" (HARRISON, 2010, p. 54), conforme lhe explicaram seus pais, Viktor e Viveka, representa um impedimento para que ela se mostre ao mundo como realmente é. Assim, o grande conflito de Frankie é ter que abrir mão de sua identidade e usar um disfarce: ela tem que usar maquiagem pesada e sempre cobrir o pescoço para parecer uma *normie*:

- E isso agora, o que é?
- Maquiagem, ora essa! - respondeu Viktor.
- Comprada na Sephora? - perguntou Frankie, esperançosa [...].
- Não. - Viktor passou a mão pelas ranhuras no cabelo brilhoso e penteado para trás. - Fornecida pela *Fierce and Flawless*². É uma linha maravilhosa de maquiagem teatral, fabricada em Nova York para aguentar os palcos mais intensamente iluminados da Broadway. -
Viktor tirou da sacola uma esponja e esfregou o próprio antebraço. Uma mancha, de cor entre rosa e amarelada, ficou na esponja. Uma risca verde apareceu.
Frankie ficou boquiaberta. - Então você também tem a pele cor de menta?
- Assim como eu. - Viveka esfregou uma das faces até que surgisse ali uma risca parecida.
- Como é que é?! - Quer dizer que vocês sempre foram verde-menta? Os pais assentiram orgulhosos.
- Mas então por que cobrem a pele desse jeito?
- Porque... - Viktor limpou o dedo nas calças do agasalho esportivo.
- ... nós vivemos num mundo de *normies*. E muitos deles têm medo de quem parece diferente.
- Diferente do que? - disse Frankie, mais pensando alto que qualquer outra coisa.
Viktor baixou os olhos. - Diferente deles. (HARRISON, 2010, pp. 54-5)

Frankie, uma jovem envolvida com o mundo via internet, vive reclusa, mas está prestes a mudar de escola. É explícito seu comportamento ao se preocupar com o que vestir, desde que esteja de acordo com o que dita a moda e com o que é publicado em todas as revistas do universo *teen*. Parece que Frankie, criação de seu pai, representa um elemento simbólico dessa sociedade de consumo, expressando sua identidade: uma jovem totalmente inserida em seu mundo tão modernizado. Por outro lado, Melody, parte do mundo *normie*, tenta se adaptar a uma nova realidade. Eis o *teaser* do lançamento do primeiro volume:

Este é o primeiro livro de uma nova série, em que a High School (ou ensino médio, para nós) é vista de uma maneira diferente: os “monstros” e os chamados “*freaks*” também querem ser populares, namorar e ter seu lugar garantido no mundo dos normais, ou “*normies*”. A história começa com a comunidade dos monstros vivendo em segundo plano no ambiente da Merton High School. Mas, com a chegada à cidade de duas novas garotas, tudo começa a mudar. Frankie Stein pertence à família do famoso monstro, e foi criada em laboratório por seu pai, há apenas quinze dias. Ela é literalmente “elétrica”, pois necessita carregar suas baterias diariamente, além de ter de maquiagem o corpo todo para esconder sua cor verde. Melody Carver, por outro lado, vem de uma família humana perfeita. Entretanto, todas as tentativas de seu pai, um cirurgião plástico, de transformá-la em uma linda garota serão suficientes para que ela passe a se sentir uma “*freaky*” e um peixe fora d’água. Juntas, as duas vão virar a

² *Fierce and Flawless*: do Inglês, impetuoso e impecável.

Merton School de ponta-cabeça, libertando todos os monstros da situação de invisibilidade a que estão relegados.

Por meio dessa breve apresentação, detectam-se comportamentos tipicamente característicos de personalidades egocêntricas e transgressoras, por meio de personagens que constroem suas histórias, ditadas por paradigmas muitas vezes cristalizados, idealizando imagens perfeitas, como: “maquiar o corpo todo”, “família humana perfeita”. Enquanto uma personagem é criação de seu pai, recorrendo a cosméticos; a outra, considerada normal, passou por uma série de cirurgias plásticas. Dentro de toda normalidade, Melody não deixa de ser também uma criação, por meio da cirurgia, a ponto de se sentir um peixe fora d’água: até que ponto é viável intervir na aparência humana?

Por meio do mito Frankenstein, interligado ao mito de Prometeu, apresenta-se a releitura de Frankie para se entender que a sociedade cria, como um Victor e um Prometeu, padrões e normas, regras e modelos consagrados de Ideal de Beleza, que muitas vezes se tornam um Frankenstein, gerando a angústia do abandono, do desajuste, da inadequação, da incompreensão.

3. Às voltas com o mito egocêntrico e transgressor

A idealização do corpo foi, ao longo do tempo, construída pelo imaginário coletivo, de tal forma que se evidenciam diversas produções publicitárias, por exemplo, a respeito do ideal de corpo, todavia devem ser lidas segundo o contexto da realidade impressa pelas estruturas culturais, pelos sinais do passado e do presente, o que nos remete ao movimento cíclico do tempo, pois o discurso sobre o corpo está vinculado ao modo de ser da própria história.

Se nos detivermos na investigação do ideal de corpo como protótipo da representação visual que foi sendo construído e divulgado como padrão de beleza e apresentado com espetáculo para ser visto, podemos mencionar a vitória da aparência, conforme Borges (2008).

Quando olhamos para alguém, os símbolos instalados no corpo constituem a tela de captura do olhar, mobilizando-o, irrigando-o a partir de sua raiz inconsciente. Toda essa realidade sensível ou esse véu simbólico confere sentido ao corpo já naturalmente marcado pelo sexo, e aos objetos que nele se imantam, como roupas, sapatos, acessórios, etc. (p. 25)

O olhar se detém no corpo na sua função de “duplo”. Por um lado, o corpo é concreto, objetivo, com suas formas, sua biologia, seus alcances e limitações; por outro, o corpo é simbólico: representa um capital, tem um valor erótico e é suporte de idealizações contínuas, por isso duplo.

As tendências de moda, estilo, maquiagem e vestuário são veiculados por mulheres de prestígio (modelos, atrizes, cantoras e apresentadoras de televisão) que aparecem na mídia tendo o corpo como seu principal capital. Essas indicam o que se deve usar, possuir ou mesmo desejar. Todos estes questionamentos estão presentes na concepção das personagens até aqui apresentadas: a criatura de Victor Frankenstein foi abominada pela sociedade e apedrejada quando tento interagir com a comunidade de um vilarejo; Melody vê em sua irmã, Candance e em sua mãe, Glory, os protótipos de uma beleza natural, que não enxerga em si mesma e Frankie é, por si mesma, o protótipo do corpo perfeito que precisa ser escondido sob camadas e camadas de maquiagem para não evidenciar a sua condição de "diferente".

A fantasia de um corpo idealizado pode ser uma defesa para redefinir a frustração de não o ter. Nessa idealização, projetam-se a transformações corpóreas pelo sacrifício, pelo esforço (dietas, exercícios físicos intensos) ou pelas mudanças promovidas pelas intervenções cirúrgicas. Assim, entre o modelo real (aparência física) e o modelo idealizado (boa forma) existe um sentimento de inadequação: eis o dilema de nossas personagens adolescentes que, de alguma forma, se assemelham ao monstro criado por Mary Shelley, pois uma se tornou bela pela ciência e não se aceita exatamente como o é e a outra foi construída à perfeição, mas não pode se mostrar como tal, pois é uma aberração. No que todas se assemelham: naquilo que diz respeito ao "eu", às suas necessidades individuais e ao tentarem deixar suas próprias marcas no contexto em que vivem, como uma maneira de dizer que existem e que fazem a diferença por serem como são e que este fato não implica, necessariamente em transgredir o que se entende por normal.

4. Considerações finais

A partir do que foi exposto, pode-se perceber o quanto o mito é atemporal e recriador por meio do mito de Prometeu, em uma análise dialógica, a partir das obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, e em uma transposição por Mary Shelley, com Victor, em *Frankenstein: o Prometeu Moderno*, ao tentar criar um ente perfeito e desvendar os segredos da vida, desafiou a própria lei divina, e como um demiurgo acabou por criar um monstro à sua imagem. Por fim, decidiu exterminar a criatura, por estar convencido de que a própria

natureza representava um poder maior do que aquele que pensara ter quando criara o monstro. Assim, passou a viver em busca da criatura, tentando vingar-se dos crimes cometidos por ela contra os seus familiares. Entretanto, o ser monstruoso não era totalmente mau, seu comportamento violento era fruto do que a sociedade e o seu próprio criador lhe ofereceram. No mito original, Prometeu rouba o fogo sagrado dos deuses para beneficiar a humanidade; mas nunca se beneficiou dela, pois é o benfeitor. Entretanto Victor deu vida a uma criatura para se beneficiar, atendendo às suas vaidades a fim de se mostrar capaz de poder aprimorar a humanidade e, por fim, receber o reconhecimento por seu grande feito. Victor não é o herói que rouba o fogo sagrado pela humanidade, mas sua curiosidade científica levou-o à loucura e à desgraça.

Quanto às personagens Melody e Frankie, embora diferentes, são complementares não somente uma à outra, mas ambas ao conceito de criatura trazido por Mary Shelley e, tanto quanto aquele ser, representam o resultado de perfeitas transgressões cometidas em vista de um "bem maior" a busca pela notoriedade por parte de seus criadores. Assim, é possível dizer que as personagens Frankie Stein e Melody Carver comprovam quanto o mito é metamorfoseante pela História e quanto o mito de Prometeu pode ser (re)lido, sob diferentes pontos de vista.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Augusto Contador. *Corpos que excedem*. In: Revista Mente e Cérebro. Corpos feitos de desejo. Vol no. 2/ ISSN 978-85-99535-76-9. São Paulo, Ediouro, Duetto, 2008.
- BÍBLIA. Tradução Ecumênica. 5ª. ed. São Paulo : Edições Loyola, 1997.
- BRUNEL, Pierre. (org.) *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekinder alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- HARRISON, Lisi. *Monster High*. São Paulo: Editora Salamandra, 2010.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Biblioteca Pólen, Iluminuras, 1991.
- _____. *Teogonia*. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora Pólen.
- LECERCLE, Jean-Jacques. *Frankenstein: mito e filosofia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MEZAN, Renato. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Ática, 1998.

REFERÊNCIAS DE SITE

http://www.skoob.com.br/livro/134151-monster_high